

REENCONTRO
literatura

Jonathan Swift

Viagens de Gulliver

Tradução e adaptação em português de

Cláudia Lopes

Ilustrações de

Mariângela Haddad



editora scipione

Edição
Cristina Carletti
Assessoria editorial
Suely Mendes Brazão

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Célia Delmont de Andrade,
Jô de Melo
M. Estela Heider Cavalheiro e
Thiago Barbalho

Editoração eletrônica de capa
Wladimir Senise

Diagramação
Carla Almeida Freire

Programação visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2014

ISBN 978-85-262-8120-2 – AL

ISBN 978-85-262-8121-9 – PR

Cód. do livro CL: 737705

CAE: 262698

15.^a EDIÇÃO

3.^a impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *Gulliver's travels*, de Jonathan Swift. Nova York: W. W. Norton and Co., 1970.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Swift, Jonathan, 1667-1745.

Viagens de Gulliver / Jonathan Swift; adaptação em português de Cláudia Lopes – São Paulo: Scipione, 2001. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Lopes, Cláudia. II. Título. III. Série.

98-0296

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

Quem foi Swift? 5

Primeira parte – Viagem a Lilliput

- 1 – Após a tempestade, um reino em miniatura. 9
- 2 – Fortemente armado, O Homem-Montanha chega à cidade. 15
- 3 – Uma cidadezinha de presépio. 18
- 4 – Era tudo muito estranho e perigoso. 24
- 5 – A política nos saltos dos sapatos. 29
- 6 – Um belo dia, a liberdade. 33
- 7 – De uma dança dependia a queda dos ministros. 38
- 8 – Um só homem contra uma esquadra. 42
- 9 – Acusado de traição 47
- 10 – Um eterno enigma 51

Segunda parte – Viagem a Brobdingnag

- 1 – Pequeno demais para ser visto 55
- 2 – A menina protetora. 61
- 3 – Enfim, o palácio real! 67
- 4 – Seguindo a lei, não há problemas. 71
- 5 – Animais ferozes rondavam Grildrig 75
- 6 – Nas garras de uma enorme águia 83

Terceira parte – Viagem a Laputa e arredores

- 1 – Aventura numa estranha ilha. 89
- 2 – Acima da própria vida, a ciência 94

3 – Às vezes punia-se a justiça	100
4 – A ameaça dos projetos absurdos.	104
5 – Mágicas figuras povoavam o palácio	111
6 – Os maravilhosos imortais	114

Quarta parte – Viagem à terra dos Houyhnhnms

1 – Um motim conduz à terra da sabedoria...	119
2 – Cavalos inteligentes e homens irracionais	124
3 – Mentira: uma palavra desconhecida. . . .	128
4 – O grande prazer de acumular riquezas...	135
5 – Os seres humanos eram repulsivos.	140
6 – Em busca de um destino.	145
7 – O regresso à pátria	148
<i>Quem é Cláudia Lopes?</i>	152

QUEM FOI SWIFT?

Quando Sir William Temple recebeu seu novo secretário, sentiu-se um pouco decepcionado. Aquele homem refinado, diplomata e conselheiro do rei, logo percebeu que Jonathan era um jovem inculto. De fato o rapaz, que nunca fora bom aluno, abandonara os estudos e seu país – a Irlanda – partindo para a Inglaterra em busca de melhor sorte.

Desde seu nascimento em 1667, na cidade de Dublin, Jonathan Swift não conhecera dias melhores. Seu pai tinha morrido pouco antes de ele nascer, deixando a família em péssima situação financeira. Por essa razão, o pequeno Swift viveu da caridade de um tio, que o considerava um estorvo. Orgulhoso, o menino jamais se esqueceria dessa triste dependência.

Completados os 21 anos, foi para a Inglaterra encontrar-se com sua mãe, que lá vivia miseravelmente. A pobre mulher lembrou-se então de William Temple, na época um grande homem de Estado, de quem seu avô fora confessor. Mais uma vez Swift seria recebido por caridade.

Seu espírito observador, aliado à humilhação por que passava naquele ambiente requintado, transformaram o rapaz. Estudando oito horas por dia, em pouco tempo tornou-se o orgulho do embaixador, que passou a levá-lo consigo sempre que ia entrevistar-se com o rei.

Em 1692 Swift doutorou-se em Teologia pela Universidade de Oxford e foi ordenado ministro da Igreja Anglicana, na Irlanda. De volta a seu país, constatou com tristeza a situação de miséria a que estava reduzido seu povo.

O domínio inglês na Irlanda já existia há algum tempo. Mas durante o reinado de Guilherme III (de 1689 a 1702) o Parlamento britânico se arrogou o poder de ditar as leis para a Irlanda, submetendo o comércio deste país à Inglaterra e mantendo-o

em total dependência. Um dos estatutos, por exemplo, privava os irlandeses de exportar alguns de seus produtos básicos. Consequentemente, o desemprego e a fome fizeram tantas vítimas quanto uma guerra poderia fazer.

Humanista e de caráter oposto à tirania e à injustiça, Swift se colocou, então, como um intrépido defensor do povo oprimido. Através da sátira cruel dos seus escritos, pretendeu despertar a consciência das pessoas omissas e indiferentes. Sua obra-prima de ironia é o ensaio *Modesta proposição para impedir que os filhos dos pobres da Irlanda sejam um fardo para seus pais ou seu país, e torná-las benéficas ao público*, onde propunha, em linguagem de economista, o consumo da carne de crianças irlandesas, abastecendo assim o mercado inglês.

Desiludido com o mau uso que os homens fazem da razão e da ciência, em 1726 Swift publicou sua realização máxima: *Viagens através de várias e longínquas nações do mundo por Lemuel Gulliver*, título original de *Viagens de Gulliver*. Relato das viagens de um médico através de países imaginários, nesta obra Swift satiriza a sociedade inglesa – a presunção do rei, a incompetência dos ministros, a idiotice dos intelectuais, a leviandade das mulheres da elite – e a condição indigna a que foi reduzido o ser humano. A salvo encontram-se apenas os animais, que, ao contrário dos homens, não perderam a bondade e a delicadeza.

A popularidade de Swift cresceu tanto quanto o ódio que os poderosos nutriam por ele. Um ministro inglês, não satisfeito em proibir sua entrada naquele país, pensou em mandar prendê-lo na Irlanda. Um amigo aconselhou-o então a enviar um exército com dez mil soldados para executar a ordem, porque todos os irlandeses tomariam a sua defesa.

Pastor protestante de um rebanho católico que o amava, escritor de gênio que preferia o anonimato à fama, Swift morreu em Dublin, no ano de 1745.

Primeira parte

Viagem a Lilliput

1

Após a tempestade, um reino em miniatura

A tempestade começou de repente. Ondas de mais de 30 metros envolviam o navio e o jogavam de um lado para outro, como se fosse de brinquedo. Rajadas de vento logo destruíram as velas. Eu era o médico de bordo e fiquei esperando o pior.

– Recifes a estibordo!

O grito desesperado do marinheiro que estava na gávea soou quase ao mesmo tempo que o barulho do choque do majestoso veleiro *Antílope*, no qual viajávamos, com as pedras. Foi uma confusão dos diabos. Tripulantes correndo em todas as direções, gente gritando, outros jogando-se no mar, cada um tentando salvar a própria pele.

Estava quase paralisado pelo medo, as mãos grudadas na amurada do convés, quando fui cuspidado para fora

do navio, que já se inclinava perigosamente. Senti meu corpo envolto na água gelada do mar e no momento em que dei por mim – confesso que não me lembro como consegui – estava num pequeno bote com outros cinco marinheiros, todos remando com fúria para nos afastarmos o máximo possível do *Antílope*, que começava a afundar. Sabíamos que, se ficássemos por perto, seríamos tragados pelo oceano por causa do redemoinho que sempre se forma em torno de uma embarcação quando está submergindo.

O esforço valeu, mas foi sobre-humano. Exaustos, largamos um pouco os remos e deixamo-nos levar pelas ondas, apesar do perigo ainda presente. Foi só o tempo de curvar um pouco o corpo para a frente, a fim de aliviar a tensão nas costas... De repente, uma onda traiçoeira, surgida da escuridão, jogou o bote longe, despejando-nos outra vez na água.

Ao voltar à tona, apavorado, tentei enxergar algum companheiro do bote. Sentindo que ia afundar, a água entrando em minha boca, gritei por eles como pude, uma, duas, sei lá quantas vezes. A única resposta foi o estrondo das ondas e o zunir do vento. Parecia definitivo: eu estava ali, no meio do oceano, sozinho...

No entanto, logo reagi. Estava vivo e isto, diante das circunstâncias, já era alguma coisa. Minha preocupação passou a ser só uma: manter-me vivo. Comecei então a nadar às cegas.

Lutei com as ondas durante horas a fio. De vez em quando, para mexer outros músculos, nadava cachorrinho. Foi assim que, ao esticar uma das pernas, toquei em alguma coisa que parecia o fundo. Seria possível? Não podia acreditar. Estiquei novamente a perna, bem devagarinho, e lá estava, sólido, o fundo do mar. Pude então

ficar de pé, com a água batendo no meu queixo. Com o resto das forças, caminhei em direção à praia, onde, exausto, deixei o corpo cair sobre a areia fofa. Estava salvo, pelo menos de morrer afogado. Olhando o céu, ainda com estrelas, a primeira imagem que me apareceu foi a de minha mulher Mary e das crianças.

Mary havia discordado totalmente desta minha viagem: fez de tudo para que eu desistisse. Lembrou minhas promessas de nunca mais navegar (eu adorava viajar por mar), contou velhas histórias de navios engolidos pelo oceano ou devorados por monstros e disse ainda que eu deveria cumprir minhas obrigações de pai e marido.

Não adiantou. Minha paixão pela aventura tinha uma força irresistível. Exercia uma atração incontrolável sobre mim e despertava-me uma sensação que eu amava desde a juventude. Logo que me formei em medicina, embarquei como médico de bordo para correr o mundo e os riscos das novas rotas de navegação. Por causa disso tudo, eu embarcava no *Antilope*, deixando o porto de Bristol, Inglaterra, no dia 4 de maio de 1699.

Assim, pensando em Mary, nas crianças e em grandes aventuras, adormeci profundamente, longe de imaginar que estava sendo observado por alguns olhinhos escondidos na relva.

Não sei por quantas horas dormi. Ao acordar, senti o sol nos olhos. Tentei mover a cabeça e não consegui: meus cabelos estavam presos ao chão. Tentei me levantar e não pude: meu corpo estava como que colado na areia. Meu Deus! O que estaria acontecendo? Para piorar a situação, senti algo subindo pela minha perna esquerda. Pensei que fosse algum siri ou caranguejo. Mas aquela coisinha logo alcançou meu peito... Baixei bem os olhos, como se fosse examinar a ponta do meu nariz, e vi uma

criaturinha humana de menos de um palmo de altura, observado-me com o mesmo olhar de espanto com que eu a encarava.

Percebi então que dezenas de outros homenzinhos como aquele corriam pelo meu corpo. Assustado, dei um tremendo berro. Foi como um terremoto para eles. Apavorados, começaram a atirar-se ao chão. Deviam ser centenas, pelo burburinho que produziam.

Um deles, mais corajoso, gritou:

– *Hekinah degul!*

Todos começaram a repetir a mesma coisa, cada vez mais alto. Só pensei em sair dali. Concentrei minhas forças no braço esquerdo e consegui libertá-lo. Todo o meu corpo estava amarrado por centenas de linhas a ganchos espetados no chão. Antes que pudesse soltar as outras amarras com a mão esquerda, ouvi um segundo grito uníssono:

– *Tolgo phonac!*

Era uma ordem de ataque, porque senti centenas de pequenas flechadas em minha mão esquerda e no rosto. Eram como picadas de agulhas. Já irritado, tentei livrar-me delas, mexendo o corpo o quanto podia. Mas recebi uma chuva maior de flechadas e resolvi aquietar-me para pensar melhor no que fazer.

Enquanto isso, eles construíram rapidamente um minipalanque de meio metro de altura do meu lado esquerdo, próximo à minha cabeça. Alguns deles subiram até lá, e aquele que parecia o chefe do grupo deu um novo grito: então uns 50 homenzinhos cortaram os fios que prendiam minha cabeça, e eu a virei em direção ao palanque.

Nesse momento, o tal chefe proferiu um longo discurso, do qual não entendi coisa alguma. Pela entonação,

imaginei que fazia ameaças. Quando terminou, ficaram todos em silêncio, olhando para mim, como se eu tivesse entendido tudo e devesse responder. Fiz uma cara de bons amigos, de quem não quer briga e, com a mão esquerda, tentei mostrar que estava com fome.

O chefe entendeu imediatamente, o que foi alívio. Já haviam mandando preparar a comida: a uma ordem sua, mais de 100 homenzinhos começaram a subir por uma escada, encostada em meu corpo, para trazer os alimentos até minha boca. Eram pernis e lombos assados de carneiro, menores do que asas de passarinho, que eu comia com pãezinhos do tamanho da unha do meu dedo mínimo. Havia também o que beber. Colocaram em minha mão esquerda tonéis de vinho, cada um equivalendo a um copo dos nossos. Fui bebendo, um a um, rapidamente.

Percebi que ficaram surpresos com a quantidade que eu comia e a velocidade com que o fazia, mas notei que estavam completamente à vontade ao me alimentar. Passavam pelo meu corpo com desenvoltura e eu bem que me senti tentado a pegar uns 30 ou 40 e atirá-los todos ao chão. Porém, logo me lembrei das flechadas... Além disso, de alguma maneira, eu tinha firmado um acordo de paz ao ficar submisso e não podia atacar um povo que me dava comida em abundância e com tanta boa vontade.

Terminada a refeição, todos os homenzinhos que estavam me alimentando desceram pela escada. Logo após, apenas um subiu em mim, pela perna direita. Bem solene, chegou ao meu rosto e mostrou suas credenciais com as armas do reino. Em seguida subiu a comitiva, mais ou menos umas 12 pessoas. Depois, todos desceram e foram novamente para o palanque.

O homenzinho das credenciais iniciou então novo discurso, só que desta vez acompanhado de muita mímica.

Falava várias vezes a palavra *Lilliput*, que mais tarde eu soube ser o nome do país, e apontava em certa direção: era a capital, para onde o rei havia decidido que eu seria levado. Fiz gestos indicando que eu queria ser desamarrado, mas a autoridade presente foi firme e sacudiu a cabeça negativamente. Fiquei zangado e tentei soltar-me outra vez. Fui atingido então por milhares de flechas, porque agora os meus pequenos inimigos eram muito mais numerosos. Pedi desculpas pelo incidente e demonstrei que concordava com as condições impostas.

– *Pelom selan* – ordenou Sua Excelência.

Os homenzinhos que estavam no chão começaram a cuidar de mim, passando um unguento para aliviar a dor das flechadas. Ao mesmo tempo foram soltando, aos poucos, as amarras que me prendiam o lado esquerdo do corpo, o que me permitiu, com alívio, mudar de posição. Eu nada podia fazer, mesmo livre pela metade, pois estava com muito sono: os pequenos habitantes daquela terra haviam misturado ao vinho um remédio para dormir.

Tonto, já quase adormecendo, pude ainda ver chegar perto de mim uma enorme carreta de madeira, sobre rodas.

Fortemente armado, o Homem-Montanha chega à cidade

Na noite anterior, quando eu dormira na praia, exausto por ter lutado com as ondas, um mensageiro fora contar que me vira ao rei daquele povo. Reunido o conselho, decidiram então amarrar-me, aproveitando meu sono. Simultaneamente, haviam começado a preparar grande quantidade de comida e também aquele carro especial, misto de carreta e máquina de guerra, que me transportaria até a capital do reino.

Essas resoluções podem parecer temerárias e estou certo de que não seriam imitadas por qualquer príncipe da Europa em situação semelhante. Mas, em minha opinião, foram não só generosos, como também prudentes. Suponhamos que tivessem decidido matar-me com suas flechas enquanto dormia: com a dor, teria acordado e sem dúvida com tamanha fúria, que arrebentaria qualquer corda que me prendesse. E como poderiam então resistir à minha violência?

Tanto a capacidade de calcular a resistência das cordas que me amarravam, quanto a de construir uma carreta capaz de conduzir algo tão descomunal como eu deviam-se a seus grandes conhecimentos de matemática. Contudo, a maior dificuldade para eles agora era encontrar um meio de me colocar sobre a carreta.

Também aí foram hábeis para ajustar ao caso presente a experiência adquirida com o transporte de árvores